

ENSINO SUPERIOR: O DESAFIO DA APRENDIZAGEM¹

Celma Freitas²

A Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Arbitragem, Negociação, Mediação e Conciliação da Uni-Anhanguera, visando concluir o módulo de *Didática no Ensino Superior*, convidou o ilustre professor **Cosme Massi** para um *workshop* (aula/palestra), no qual ele escolheu falar sobre o tema **ENSINO SUPERIOR: DESAFIO DA APRENDIZAGEM**. A atividade foi realizada no dia 18.03.2010, à noite, na Escola Superior de Advocacia (ESA), Goiânia, Goiás. Massi é professor do quadro de docentes dessa respeitável instituição de ensino goiana. É doutor em lógica e filosofia pela UNICAMP, consultor e coordenador da consultoria acadêmica da Hoper, pró-reitor da Universidade Positivo e foi membro da Comissão Técnica de Avaliação CTA, MEC/INEP, no período de 2004 a 2006. Foi apresentado aos mais de trinta alunos do curso como palestrante das lidas educacionais no Brasil.

No *workshop* (aula/palestra), o professor Massi iniciou a sua fala comentando sobre a proposta do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), que se utiliza de três áreas (leitura e interpretação de texto, raciocínio em matemática e ciência) para apurar em percentagens o desafiador tema da aprendizagem dos estudantes no mundo. Comentou em seguida e de forma muito rápida as formas de avaliação nacional do ensino superior no Brasil (antigo Provão/atual ENADE), destacando a didática como um tema desafiador para a aprendizagem dos alunos brasileiros.

De forma enfática e consoladora aos mantenedores de instituições privadas de ensino, o professor Massi falou que há no Brasil um grande déficit

¹ Resenha do Workshop ministrado pelo Professor Doutor Cosme Massi, no Curso de Pós-Graduação em Arbitragem, Negociação, Mediação e Conciliação da Uni-Anhanguera, Goiânia, Goiás, no dia 18.03.2010. Texto produzido para o Curso de Pós-Graduação em Arbitragem, Negociação, Mediação e Conciliação da Uni-Anhanguera.

² Professora na Faculdade de Inhumas (FacMais). Especialista em várias áreas do Direito, entre elas Direito e Gestão Educacional. Doutora em Direito Privado. Mestre e doutoranda em Educação. Pesquisadora de assuntos sobre Espiritualidade e Espiritismo. Ex-professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás (UFG).

de cursos de ensino superior e que somente 13% (treze por cento) dos jovens brasileiros (de 16 a 24 anos) estão cursando faculdade. Número desolador, face aos percentuais alcançados pelo Chile e por outros países vizinhos – sem falar nos países do primeiro mundo, óbvio.

Ele destacou que o “sucesso profissional” decorre da aprendizagem, da capacitação, da formação de habilidades e competências, do esforço dos alunos nos estudos durante a sua formação acadêmica, enfatizando que “a aprendizagem é o grande desafio do século XXI”, ressaltando que, em épocas passadas, o “diploma” era condição garantida de inserção no mercado de trabalho e que hoje o mundo tornou-se mais exigente, passando a buscar pessoas com formação e capacitação de qualidade. Esse fato leva a pensar que a capacitação deve ser feita, além da especialização em determinado campo do conhecimento, sob a inexorável proposta de o profissional precisar continuar sempre se aprimorando para o competitivo mundo das profissões especializadas, com vistas a enfrentar o concorrido mundo do trabalho.

Nesse sentido o palestrante provocou a turma para a seguinte reflexão: “O que é aprender?” E, ao mesmo tempo, externou a seguinte afirmação: “A aprendizagem é conquista do aluno (do aprendiz)”.

Para consolidar algum resultado de aprendizagem, não se perquire o que já está concreto e verdadeiramente proposto no ensino; porém, para avançar, é necessário buscar as justificativas das técnicas de aprendizagem: descobrir o que está por trás dos conceitos, dos assuntos propostos ao aprendiz, evidenciar detalhes, enunciar características, expor o lado heurístico da verdade do ensino. Para encontrar a justificativa das técnicas de aprendizagem objetivando a melhor apreensão dos conceitos do conhecimento, o professor Massi mencionou que há dois caminhos: “conhecer pela razão” e “conhecer pela experiência”.

No plano da razão, é necessária a presença da argumentação, da lógica, do raciocínio, de teorias e conceitos no processo da aprendizagem; enquanto que, no plano da experiência, a aprendizagem ocorre pela observação, experimentação, e de regra em laboratório. Pela razão, “o conhecimento existe no sujeito que conhece”, isto é, está nele e por isso “o conhecimento não é transmitido ao aluno”. Sob o exercício da razão, o professor produz estímulos perceptivos por símbolos, transmitidos por meio de

diversos canais (audição, visão, gestos, atitudes, etc.), que serão transformados em conhecimento pelo próprio sujeito/aluno que conhece. É este que transforma as informações em conhecimento. O conhecimento é produzido pelo sujeito que conhece. É o sujeito que se modifica. Modifica-se em seu estado interior. O conhecimento depende de uma ação mental, que, nesse compasso, é solitária. Adquirem-se então novos conceitos, novas habilidades, novas atitudes, etc., dentro da concepção de que “conhecimento gera conhecimento”. O conhecimento só surge de outro conhecimento. Portanto o conhecimento é pensado, é produzido. O professor Massi defendeu a ideia de que o conhecimento não se transfere ao aprendiz e que até se pode comprar ensino, porém não se pode comprar aprendizagem. O ato de aprender dá-se no plano da consciência.

Quanto à experiência, a justificativa das técnicas de aprendizagem determina-se conforme as taxas de retenção entre os aspectos “ver, ouvir (sujeito passivo)” *versus* “fazer, praticar (sujeito em atividade)”, sendo que as taxas do sentido e da percepção são menores que a taxa da atividade. Ou seja, a solicitação de leitura e aplicação de exercícios de leitura é maior em rendimento do que somente o ato de o aprendiz ficar ouvindo o professor falar, explicar, expor, em sala de aula, conteúdos ou fatos da realidade vinculados ao ensino.

Sob o critério da prática, da experiência, do fazer para aprender, o professor Massi ainda apontou dois mecanismos de aprendizagem: “atração pelo prazer” e “empurramento pela dor (prova)”. Se se eliminar a taxa de dor (avaliação/prova), a aprendizagem cai. Por isso, o professor precisa se convencer da importância do conhecimento, propiciando ao aluno a necessidade de aprender e aprender fazendo, exercitando o conhecimento, realizando, por conseguinte, atividades com cunhos avaliativos. O aprendiz precisa ter compromisso com o fazer, com o aprender fazendo, (fazendo e aprendendo). Precisa saber que será avaliado. O professor orienta o aluno e é quem irá aferir o rendimento de sua aprendizagem.

Num tom nostálgico, o professor Massi lembrou que o ensino escolar de outrora (de seu tempo de infância) era complementado pelo “para casa” (tarefa para casa) e que sua mãe estava sempre presente na hora de ele fazer as atividades escolares em casa, o que contrasta com a realidade atual de que

o aluno deve estudar na escola, deve aprender na escola. Ressaltou ainda que “quem não tem tempo de estudar e exercitar atividades em casa não tem condições de ter uma aprendizagem satisfatória”. Portanto é imperioso o postulado escolar de que “aprende-se fazendo”.

Hoje há tantos outros atrativos para chamar a atenção dos aprendizes – modernos, tecnológicos, inovadores, mas, por outro lado, superficiais, e que não lhes despertam o sentido de aprender e aprender fazendo. Tudo aparece e parece pronto. Falta na educação do aprendiz acompanhamento e orientação dos pais em casa. Os filhos precisam ser motivados ao estudo para produzirem conhecimento. De forma lamentável, porém, praticamente quase todo o ensino está reduzido a atividades em sala de aula.

Coerentemente, o professor Massi mencionou que “estudar”, “fazer” e “praticar” são os aspectos mais importantes do processo ensino-aprendizagem, porque o ensino centra-se na aprendizagem. Embora ele tenha destacado que cada um aprende sob formas diferentes, “a aprendizagem somente cresce com atividade e esforço do aluno”. Para a presença desse esforço (do trabalho do aluno), é necessária a presença da orientação, da motivação, do acompanhamento e da avaliação pelo professor – e dos pais.

Num momento de acentuada inspiração em sua fala, o professor Massi lançou brilhantemente uma frase que resumia seu pensamento: “*o melhor ensino é aquele que for capaz de levar o aluno ao esforço que lhe compete*”.

Ele comentou ainda que o *processo de ensino de massa* é algo que dificulta a aprendizagem. É importante a presença dos pais na condução da aprendizagem de seus filhos em qualquer instância, desde a existência familiar, ao convívio social e coletivo. Para acumular conhecimento, é necessário já ter algum tipo de conhecimento. Por isso, é difícil que a aprendizagem total aconteça a tantos alunos com diversas características e perfis diferentes, notadamente quando estes não têm nenhum tipo de acompanhamento em casa para exercitar as tarefas escolares, a fim de que aprendam de forma satisfatória o conteúdo proposto.

Daí o grande desafio da escola, do professor, da didática para consolidar a aprendizagem.

O que seria necessário criar para levar o aluno a fazer conhecimento, a aprender? Teriam que ser inventadas novas estratégias? Novos recursos

didáticos? Nova corrente pedagógica? Novos perfis de professores? Novos tipos de educadores? Nova escola? Novos tipos de lares? Ter-se-ia que aprender a conhecer o novo tipo de aluno, de aprendiz para se viabilizar nova forma de ensinar? Essas são questões, praticamente, sem respostas. Há uma complexidade de fatores que precisam ser considerados para se falar em ensino, em aprendizagem, indubitavelmente.

Porém o aprender fazendo tarefas escolares em casa é uma estratégia pedagógica insuperável.

Para encerrar seu discurso, o professor Massi indicou a obra do filósofo francês Luc Ferry *Vencer os medos*, mencionando que o papel da escola é ensinar ciência, arte, filosofia, matemática, e que a moral, a educação, as boas maneiras são responsabilidades da família. Isso o levou ao seguinte raciocínio: “conhecimento é conhecimento”. Não se deve ser paternalista se o aluno é pobre, doente, ou enfrenta dificuldades com a vida. É necessário reconhecer o que foi realmente feito, produzido pelo aluno no seu mundo escolar (no seu mundo acadêmico), no seu mundo de aprendizagem. A aprendizagem é uma ferramenta que deve ser vista com um critério objetivo: ou se sabe ou não se sabe; ou se aprendeu ou não se aprendeu. Não se faz “jeitinho” para se dizer que ensinou e que o aluno aprendeu. O aluno aprende ou não aprende.

Para atenuar o desafio da aprendizagem, os ensinamentos de Robert Marzano a respeito da didática foram vistos ao final do *workshop*, sob a recomendação da leitura de seu livro *O ensino que funciona*. Com base nessa obra, foram enumeradas, de forma sucinta, as seguintes categorias de estratégias de ensino que auxiliam no desempenho do aluno: identificar semelhanças e diferenças; resumir e fazer anotações; reforçar o esforço e proporcionar reconhecimento; lição de casa e prática; representações não-linguísticas; aprendizagem cooperativa; estabelecer objetivos e fornecer *feedback*; gerar e testar hipóteses; pistas, perguntas e organizações avançadas.

Diante de tantas propostas e reflexões sobre a educação, vê-se ainda que a aprendizagem dos alunos continua sendo um grande desafio, e sua ausência (ou deficiência) perturbará muito a cobrança de qualidade exigida pelas forças competidoras da sociedade; desafio que se agrava assustadoramente no ensino superior privado. Falta à maioria dos alunos das

faculdades particulares a base inicial da aprendizagem. Faltou-lhes aprender fazendo tarefas em casa, faltaram acompanhamento e orientação. Como superar uma ausência de conhecimento tão acentuada nos poucos jovens universitários do Brasil? Como aprender fazendo conhecimento se o conhecimento sequer foi propiciado aos tenros aprendizes? Tudo isso afetou e contribuiu para o grande desafio do ensino superior nos dias de hoje: educar e educar com “qualidade”. É isto que a sociedade exige: qualidade profissional. E o conhecimento – o que pensar dele? Concluimos: pela razão e/ou pela experiência. Nunca a sociedade esteve tão ávida por “qualidade”. O que se deve pensar do conhecimento sobre qualidade? É uma questão desafiadora à qual a didática e a aprendizagem, talvez algum dia, darão respostas.